

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER E CONTAR HISTÓRIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gislaine Rodrigues Couto ¹

Resumo:

Este trabalho apresenta um breve relato de experiência de um projeto chamado “*Desafio da Leitura*”, sobre a contação de histórias infantis que foi desenvolvido no contexto da Educação Infantil em uma escola particular do município de Santa Maria. Este se configurou como um subprojeto do Projeto de extensão intitulado “Hora do conto: meninas e meninos lendo o mundo e a palavra” coordenado pelo professor Celso Ilgo Henz e vinculado à Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo deste texto é compartilhar como foi gratificante e significativo o projeto “*Desafio da Leitura*” desenvolvido no maternal, com crianças na faixa etária de 2 e 3 anos. Conclui-se ao final do projeto “*Desafio da Leitura*” que foi possível, enquanto educadora, uma implicação em um movimento ação-reflexão-ação a partir da contextualização da práxis e da percepção da carência de subsídios teóricos da obra de Freire. Isto é, reconhecer-se como inacabada, modificando posturas, e concepções diante dos desafios encontrados, ressignificando práticas e contribuindo para novas aprendizagens para os educandos e se aut(trans)formando enquanto profissional.

Palavras-chave: Formação de Professores. Contação de histórias. Paulo Freire. Práticas na educação infantil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho apresenta um breve relato de experiência de um projeto chamado “*Desafio da Leitura*”, sobre a contação de histórias infantis que foi desenvolvido no contexto da Educação Infantil em uma escola particular do município de Santa Maria. O referido projeto emergiu da necessidade de suprir carências da formação inicial, visto que, em relação à literatura infantil as histórias para as crianças vinham sendo trabalhadas de maneira tradicional e com a inserção do projeto de pesquisa extensão “Hora do conto: meninas e meninos lendo o mundo e a palavra” coordenado pelo professor Celso Ilgo Henz, na Universidade Federal de Santa Maria vislumbrou-se novas possibilidades de pesquisa, de intervenção, de forma que contribuísse para o movimento ação-reflexão-ação, ressignificando aquela realidade.

A partir deste projeto decidimos contar histórias de modos diferentes do que vinha fazendo na turma de maternal que atuava e, após, publicaria esta experiência para que outras professoras/es sintam-se desafiadas/os a também dizerem a sua palavra.

Neste sentido, o texto objetiva mostrar/compartilhar como foi gratificante o projeto “*Desafio da Leitura*” desenvolvido no maternal, tanto para mim, quanto para as crianças. As obras de Paulo Freire foram o referencial utilizado no projeto “*Desafio da Leitura*”, pois essas, em específico a “*A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*”,

¹ Pedagoga pela UFSM e mestranda do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional (UFSM); gihcouth@gmail.com

ênfatiza a importância da leitura não apenas como “decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita”, mas como processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler o mundo, pois a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p.19). A partir da leitura da palavra e do mundo descobrem-se outros caminhos possíveis, que antes a consciência não via, mas as mudanças surgem e se dá novo sentido àquilo que está a nossa volta.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da *compreensão* será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na *experiência escolar* aos que resultam do mundo da cotidianidade (FREIRE, 1997, p.20).

Neste trabalho, a leitura não serve propriamente para alfabetizar na contação de histórias, mas busca ser prazerosa e despertar o seu interesse posteriormente, porque é pelo exemplo que se busca incentivar as crianças desde pequenas a gostarem de ouvir histórias para que futuramente elas gostem também de ler por prazer, para conhecer e para apreciar a vasta literatura a nossa volta, assim não irão ler apenas por obrigação como acontece com alguns sujeitos.

A literatura desempenha entre outras funções, como a de evasão e a de diversão, a função de transmitir conhecimento, e a principal função de contribuir de forma única na humanização do homem. A literatura é arte, e como tal faz parte da cultura. E é mais, porque dentre todos os tipos de arte é nela que encontramos o maior repertório de conhecimento que a humanidade já produziu (DONATTO, 2005, p.16).

Neste sentido, a leitura funciona de forma ambivalente, como expressão e como formação do homem. É notório neste contexto, que embora a leitura seja tão importante muitos ainda não a compreendem, pois em se tratando do analfabetismo no Brasil, a prática da leitura se insere num contexto maior, a leitura e a escrita atualmente não são apenas necessidade da professora e das crianças do contexto abordado, mas da sociedade.

A LITERATURA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Donatto (2005), no século XVII “as obras infantis apresentaram feições morais, didáticas e pedagógicas, pois somente a partir do século XVIII que a criança

passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias”. Neste momento é que começou a se pensar em literatura infantil, mas somente na segunda metade do século XIX a literatura infantil propriamente dita ganhou foco, “sem a preocupação didática ou moralizadora, mas conseguindo agradar simplesmente pela arte de despertar o interesse e prender a atenção da infância”. (DONATTO, 2005, p.20).

Nesse sentido, as instituições de Educação Infantil possuem um importante papel na construção do processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois é um dos espaços educativos onde elas têm acesso a um amplo universo de conhecimentos, saberes que utilizarão ao longo de suas vidas. Lembrando que a criança já possui uma bagagem de conhecimentos relacionados ao mundo que as rodeia muito antes de entrar na escola, ou seja, a criança constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive.

A Educação Infantil sendo a primeira etapa da Educação Básica, atende a crianças na faixa etária de 0 a 5 anos e as práticas pedagógicas desta faixa etária possuem como especificidades o cuidar e o educar, assim “a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo”, são amparadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL/DCNEI, 2010, p.19).

Para Piaget o desenvolvimento infantil perpassa por diferentes estágios que vão desde o nascimento até a fase adulta. Aos dois anos de idade, a criança entra no estágio pré-operatório e vai até os sete anos, período do desenvolvimento humano também conhecido como simbólico, pois é o período da fantasia, do faz de conta, da imaginação que são fortemente evidenciados até os quatro anos de idade. (WADSHORTH, 1993).

Para Aguiar (2001) o principal meio de socialização da criança nesta etapa é o imaginário infantil, considerado o ponto de partida que desencadeia uma boa aprendizagem, principalmente destinada à leitura. O autor assevera que a “aprendizagem só ocorre quando estamos motivados, ou seja, aprendemos o que fala ao intelecto e ao coração” (AGUIAR, 2001, p.11). Para ele, a curiosidade, a criatividade, a teimosia e a imaginação são características infantis que podem ser despertadas através de uma boa escuta de histórias, estando diretamente ligadas ao desenvolvimento cognitivo da criança e à formação do ser leitor (AGUIAR, 2001 apud CARDOSO, 2013). Portanto, as práticas de leitura para as crianças devem acontecer em diferentes espaços e tempos, seja na escola ou em casa.

O PROFESSOR QUE ENSINA E QUE TAMBÉM APRENDE

Quando se tem a intenção de realizar algo, faz-se necessário conhecer para apreender sobre este objeto e nada como iniciar um planejamento pelo que já é conhecido e, seguir pelo

que se quer conhecer, para isto, é preciso estudar e, portanto, ler. A leitura e o estudo se colocam como necessidade em vários momentos da vida, do professor e do aluno, neste a leitura surgiu da necessidade da professora.

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que - fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que (...) me foi proposto (...) ou como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade (...) sugerem ou que me são sugeridos por outros (FREIRE, 1997, p.20).

A formação permanente do professor permite a compreensão de alguns pontos são fundamentais para o exercício de sua prática. Neste sentido, “não existe *ensinar* sem *aprender*, pois o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”. O fato de ensinar exige que o professor tenha propriedade sobre o que deseja ensinar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. “Sua experiência docente’, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática” (FREIRE, 1997, p.19).

Se saber ensinar não é transferir conhecimento e que ensinar é uma especificidade humana e política, então ensinar exige consciência do inacabamento, exige curiosidade, exige respeito à autonomia do ser educando, exige pesquisa, exige comprometimento, exige responsabilidade, exige criticidade, exige querer bem aos educandos, exige saber escutar (FREIRE, 2011). O professor forma-se educador na medida em que, faz reflexão da sua própria prática.

A LEITURA PRAZEROSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Este trabalho é um relato de experiência desenvolvido com crianças da educação infantil na faixa etária de 2 e 3 anos de idade, em uma escola particular do município de Santa Maria, num período de 2 meses foram contadas 8 histórias conforme descritas abaixo com seus autores, registro de como ocorreu a contação das histórias. Após cada história contada foi registrado na forma de diário, com reflexão acerca das surpresas, das aprendizagens e das frustrações que ocorreram.

As primeiras duas histórias foram contadas sem adaptação, todas com o livro da forma tradicional, optou-se por histórias curtas e bem ilustradas para que as crianças não se dispersassem até o final da contação, as histórias contadas foram: “O ovo” de Ivan e Marcello

e “A galinha choca” de Mary França e Eliardo França, tudo ocorreu bem e ao final as crianças receberam folhas A4 com os desenhos dos personagens para colorir.

As duas próximas histórias eram “O livro comprido” de Caulos e “Uma zebra fora do padrão” de Paula Bowne eram coloridas, compridas e sem adaptação. Durante a contação, as crianças queriam realizar outras atividades não prestando atenção nas mesmas sem que chamasse sua atenção. Neste momento, me senti frustrada, pois não conseguia contar a quarta história para as mesmas, pois encontravam-se inquietos, não se concentrando e nem demonstrando interesse pela história. Então surgem os seguintes questionamentos: o que estou fazendo errado? De que outras formas posso contar as histórias que vão chamar a atenção das crianças? Com estes questionamentos a professora foi participar do projeto de extensão “Hora do conto: meninas e meninos lendo o mundo e a palavra” na universidade, como o projeto gira em torno da obra de Paulo Freire e este autor trata da leitura como leitura da palavra e também do mundo. Neste projeto as bolsistas realizam contação de história todas as semanas nas escolas e em outros espaços formais ou não formais em Santa Maria/RS. A professora desafiou-se a mudar suas práticas na hora de narrar às histórias, e a cada semana proporia uma história de forma diferente.

A primeira história contada com adaptação e com palitoches foi “Condomínio dos monstros” de Alexandre de Castro Gomes. A reação das crianças na hora da contação foi de apreciação e ao fim da história percebeu-se que as crianças gostaram e associaram aos personagens que eles conheciam, por exemplo, o Frankstein da história foi comparado às bonecas Monster Ray que as meninas tinham. Me senti realizada ao perceber que a história possibilitou que as crianças a relacionaram ao seu contexto. Para Cardoso (2013) a imaginação é uma atividade necessária, pois proporciona maiores aprendizagens, momentos de interação, construção de regras, explora a criação, a curiosidade de saber mais e ir além do esperado, como também oportuniza maior significado a pequenas circunstâncias diárias (CARDOSO, 2013, p.22).

A segunda história foi adaptada com a técnica da sonoplastia e chamava-se: “A margaridinha rosa” foi retirada da internet. Esta história sonorizada foi contada com a presença de instrumentos musicais como (pau de chuva, chocalho, celofane, papel pardo). Primeiramente, a história foi contada e sonorizada, num segundo momento as crianças foram separadas por instrumento e elas ajudaram a contar a história sendo personagens da mesma. Neste sentido, a história contada vai ao encontro do que acredita Brito (2003) quando afirma que “o educador ou educadora pode contar e sonorizar sua história ou realizar a atividade com a ajuda das crianças, quando isso é possível. E “contar histórias pode ser uma atividade ainda

mais rica e envolvente se utilizarmos a voz, o corpo ou outros objetos para ilustrar sonoramente a narrativa” (BRITO, 2003, p.163). Um outro momento que a história permite, e que não aconteceu, mas que pode ser uma continuação é a construção de instrumentos musicais com material reciclado pelas crianças. Durante a contação desta história as crianças demonstraram envolvimento e mergulharam na história juntamente com a professora.

Desse modo, suscitar a imaginação e oportunizar em casa ou em sala de aula, momentos de atividades, sejam elas: brincadeiras, leituras ou contação de histórias em ambientes que permitem o livre exercício de imaginar e criar, torna-se imprescindível para o desenvolvimento infantil, portanto, dever de pais e professores (CARDOSO, 2013).

A próxima história contada foi: “O casamento de dona baratinha” de Cristina Porto e Maria Cecília Marra. Aqui a história foi adaptada para ser dramatizada pelas crianças, a partir de máscaras com os personagens de animais da história. No primeiro momento, as crianças colocaram as máscaras e começaram a imitar os sons dos animais e brincar/correr pela sala. Num segundo momento é que a dramatização ocorreu. Não se planejou que as máscaras iriam despertar a euforia das crianças, mas foi uma feliz surpresa, pois elas acabaram se envolvendo ainda mais. Logo, é importante que o planejamento do professor seja flexível, esteja aberto para estar revendo constantemente sua prática com as crianças.

A última história contada/assistida foi “O cabelo de Lelê”, na sala de vídeo da escola assistimos a história em vídeo curto adaptado ao contexto e idade das crianças. Esta história trouxe a cultura e identidade do negro a partir do seu cabelo sarará, crespo ou pixaim. Após assistirmos o vídeo dialogamos sobre a personagem Lelê, num primeiro momento, as crianças não se identificam com a personagem por ela ser negra e pelo seu cabelo ser diferente do delas, mesmo tendo duas alunas com essa característica na turma, mas nenhum colega negro/a. Somente quando mostrei meu cabelo como sendo crespo que as crianças perceberam que sua colega também possuía o mesmo tipo de cabelo. Neste sentido, percebeu-se que quando se contextualiza o desconhecido com o que é do cotidiano das crianças, elas se identificam e passam a achar normal o que antes não aceitavam por não conhecer. É imprescindível que a exploração da cultura afro-brasileira, indígena, estejam presentes na contação de histórias, assim como as demais culturas, para que as crianças aprendam a respeitar e conviver melhor com o que é diferente delas. Importa considerar que muitas vezes, o acesso que as crianças têm sobre a cultura nas histórias, é estereotipado, isto é, mostram o padrão de beleza europeu com características de homem e mulher brancos (olhos azuis, cabelos loiros e pele clara) o que desconsidera a diversidade cultural do nosso país. De acordo com Brasil (1998) a partir da exploração das múltiplas linguagens a criança tem a

possibilidade de expressar, comunicar seus sentimentos, emoções, pensamentos e sensações. Assim, é importante favorecer nas práticas pedagógicas “a imersão da criança nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2010, p.25).

Portanto, as histórias contadas buscaram proporcionar as crianças pequenas, momentos prazerosos de aprendizagem para ouvir, imaginar e dramatizar histórias utilizando os sons e os movimentos do corpo e dos objetos a nossa volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conclui-se ao final deste texto/reflexão que ele cumpriu com seu objetivo de mostrar/compartilhar como foi gratificante o projeto “*Desafio da Leitura*” desenvolvido no maternal, tanto para mim quanto para as crianças. Pois ele surgiu como um desafio particular para que saindo de “uma zona de conforto” aprendesse a contar histórias de maneiras diferentes. E no decorrer deste desafio percebi que as aprendizagens que obtivemos foram além da contação de histórias. Foi-me oportunizado o conhecimento mais amplo sobre esse mundo mágico da contação de histórias e, além disso, possibilitou uma reflexão crítica sobre o quanto a teoria e da prática estão intrínseca e que a nossa formação precisa ser permanente ressignificada. Ademais, permitiu que as crianças vivenciassem uma experiência singular, propiciando uma gama de aprendizagens ao relacionar as atividades com as suas vivências pedagógicas e o seu contexto.

Portanto, conclui-se ao final deste trabalho que ao realizar o movimento ação-reflexão-ação contextualizando minha práxis, percebi o quanto os pressupostos teóricos metodológicos de Freire estiveram implicados no meu quefazer educativo. Assim, acredito que ao reconhecermos que estamos em constante construção e (re)construção reacendemos a esperança pelos sonhos possíveis para a Educação Infantil, através das diferentes formas de ensinar e aprender, ou seja, nos auto(trans)formamos permanentemente.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.). **Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, v.3, MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar. **Musica na Educação Infantil**: proposta para formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CARDOSO, Gabriela Cedalia. **Contos de fadas**: um caminho para o imaginário infantil. Trabalho de conclusão de curso, Santa Maria. 2013.

DONATTO, M. E. C. **A humanização da infância: uma contribuição da literatura infantil**. Monografia de especialização, Santa Maria, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 51. ed., v. 22, São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução de Esméria Rovai. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1993.